



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ESPAÇO EM MOVIMENTO: A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM DO MEDO

Ana Clara Citelli

anaclaracitelli@gmail.com

FCLar/Unesp Araraquara

Brasil

Rafael A.Orsi

r.orsi@fclar.unesp.br

FCLar/Unesp Araraquara

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

A produção do espaço urbano hodierno, notoriamente, é carregada de intencionalidades funcionais que impactam diretamente nas formas como a sociedade compreende e se relaciona com as cidades. Claramente produzido como lugar de passagem e, em primeiro plano, funcional a produção econômica, a fluidez e a velocidade tomam lugar da permanência, vivências e sociabilidades mais profundas nestes espaços. A rua, como espaço de relações sociais e comunicação entre os indivíduos, submete-se, nesta lógica, às relações mercadológicas indiferentes a vivências cotidianas distantes de circuitos comerciais. Se por um lado há grandes interesses na produção de espaços que atendam a estas demandas econômicas, voltando-se investimentos e atenção do poder público para estas áreas, por outro lado, há espaços na cidade relegados a ostracismos também problemáticos no sentido de sua própria produção, já que há um vácuo de ações concretas nestes lugares. Tanto em um quanto em outro, criam-se paisagens distintas, muitas das quais carregadas de estigmas que cristalizam a sensação de insegurança e medos generalizados na cidade. Tal fenômeno traz implicações brutais para as cidades, que se retroalimentam, seja no esvaziamento das ruas ou no exponencial avanço das construções de condomínios fechados. Obviamente, uma das dimensões desta discussão está nas limitações do planejamento tecnocrático, muitas vezes revestidos de participativo, mas também nas clivagens que tal planejamento assume. O planejamento ortodoxo, extremamente pragmático e instrumental, no afã da funcionalidade, pode, de fato, tornar a vida disfuncional nas cidades. Objetiva, portanto, com este trabalho discutir os resultados de um planejamento urbano tecnocrático sobre a paisagem da cidade, na qual se cria espaços segregados e do medo – ainda que possa ser funcional para a sua reprodução econômica. Com tais reflexões, buscou-se traçar ainda paralelos com políticas de segurança pública em escala local. Para tanto, ancorados em uma bibliografia de referência, selecionou-se uma região próxima à penitenciária “Dr. Sebastião Martins Silveira” na cidade de Araraquara – São Paulo (Brasil), onde, através de explorações de campo e registros fotográficos, pode-se extrair impressões iniciais de como uma instalação prisional se reflete na rotina da cidade; é certo que as muralhas deste espaço impactam não somente a visão dos cidadãos, mas também – e principalmente – o cotidiano. Por isso, através de contextualização histórica e parte da pesquisa de campo, pretende-se demonstrar como decisões públicas a respeito de escolhas do planejamento de cidades e construções a serem instaladas em um espaço urbano impactam diretamente as relações sociais dos habitantes e a forma de ocupação das cidades.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

The conception of the hodiernal urban space is, notoriously, filled with functional intentionalities that impact directly on how the society comprehends and relates itself to the cities. Clearly produced as a place of passage and, in the first plan, functional and economic production, the fluidity and the velocity take the place of permanence, experiences and the deepest sociabilities of this space. The street, as space of social relations and communication between individuals, submits itself, in this logic, to the mercadological relations which are indifferent to everyday far from the commercial circuits experiences. If on one side there are great interests in the production of spaces that meet these economic demands, facing investments and public power into these areas, by on the other side there are spaces in the city relegated to ostracism also problematic in the way that affects its own production, since there are gaps in the concrete actions in these places. As much as in one or another, distinct environments are created, in which many are filled with crystalized feelings of insecurity and generalized fear stigmas in the city. Such phenomenon brings brutal implications to the cities, that feed themselves, whether on the emptying of the streets or on the exponential advance of houses complex constructions. Obviously, one of the dimensions circa this discussion is on the technocratic planning limitations, in many cases coated as participative, but also in the cleavages which the planning assumes. The orthodox planning, which is extremely pragmatic and instrumental, in its effort of functionality, might, in fact, make the lives on the cities dysfunctional. Thus, this work aims to discuss the results of a tecnocrático urban planning upon the city environment, in which feared and segregated spaces are created – even if it might be functional to its economic reproduction. With such understandings, it was also aimed the tracing of parallels to the public security policies in a local range. In order to do it so, anchored to a referential bibliography, a region around the “Dr. Sebastião Martins Silveira” penitentiary in Araraquara – São Paulo (Brasil) was selected, where, through field work and photographic registers, it is possible to extract initial impressions on how the prison installation reflects upon the routine of the city; it is assured that the walls in this space impact not only the vision of the citizens, but also – and mainly – the daily routine. Hence, through the historical contextualization and a part of the field work, it is



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

intended to demonstrate how public policies circa the city planning and future constructions choices in a urban space impact directly on the habitants' social relations and on how the cities are occupied

Palavras-Chave

(Planejamento-urbano; segurança pública-prisional; impactos)

Keywords

(urban planning; public-prison security; impacts)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

Para além das definições estritamente quantitativas, olhar para o mundo e afirmá-lo como urbano exige uma leitura qualitativa. Mais que analisar as estruturas demográficas e constatar que a maioria das pessoas vivem em cidades, mostra-se imperativo compreender que a cidade é o resultado de um processo de urbanização, o qual é, de fato, uma forma de viver, produzir e reproduzir o espaço e reproduzir-se nele. Tal constructo, inserido em um processo de formação socioespacial, é coerente com os mecanismos e estruturas de sua formação e, notadamente, com cada momento histórico. É importante destacar que todo o processo de formação das cidades é permeado por conflitos e tensões entre diversos interesses divergentes e grupos que objetivam controlar sua produção e reprodução e, dessa forma, sua própria reprodução econômica. Neste sentido, minimamente, dois eixos devem ser analisados de forma relacional e conflitante: o valor de uso e o valor de troca das cidades. Se no primeiro caso, a dimensão cotidiana, o espaço concreto e a vivências das pessoas são as referências básicas para se pensar a cidade, no segundo caso, o espaço abstrato e os interesses desenraizados das cidades é que são a tônica. Os interesses e as lógicas, ainda que fortemente articulados, são bastante distintos e conflitantes. A cidade resultante de tais conflitos e pendendo para os interesses abstratos e, fundamentalmente, econômicos mostra-se fragmentada e reprodutora de fraturas socioespaciais deletérias.

O pragmatismo e a funcionalidade na produção e reprodução das cidades, diretamente ligados aos interesses de valor de troca, se espalham e impregnam-se em todos os setores da sociedade. Como é de se esperar, os agentes de mercado atuam sobre a cidade entendendo-a como mercadoria e buscam otimizar suas ações com um fim único de reprodução econômica. Neste sentido, a lógica da reprodução das cidades alinha-se, resultando em padronizações que vão das estratégias de atração de recursos, desenhos urbanos, arquitetura das construções até os mecanismos de controle, condominização, gentrificações, etc. Em sua dinâmica, o mercado e o valor de troca colonizaram as ações do Estado (sobretudo em nível municipal) e diferentes ações são encaminhadas no sentido de fortalecer uma lógica puramente instrumental da produção do espaço urbano. Por sua vez, a sociedade, ainda que viva as agruras de tais modelos, acabam por aceitar as ações uma vez que



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

também foram colonizadas pela lógica instrumental e sua inexorável força de criar legitimações para suas ações.

Neste processo, a cidade se espalha, se fragmenta, tornando-se insustentável do ponto de vista social e ambiental. A cidade que traz como espólio os resultados de um planejamento tecnocrático e autoritário e se reproduz sob a égide mercadológica, não pode ser, senão um espaço da exclusão, das limitações e, como apresentado neste texto, do medo. Como seu contraponto, vislumbra-se, ainda que como utopia, uma cidade plural, humana, democrática e aberta a participação. Neste sentido, este trabalho traz uma análise dos resultados da implantação da Penitenciária “Dr. Sebastião Martins Silveira” nas periferias da cidade de Araraquara/São Paulo/Brasil, resultado de um processo de planejamento tecnocrático, destacando o impacto social para os moradores do bairro. É na articulação das ausências e presenças no bairro que se estrutura a leitura de sua produção e reprodução, sempre apontando para a necessidade de se pensar a cidade de maneira complexa e múltipla.

II. Marco Teórico/Conceitos

1. CONFLITOS E DESDOBRAMENTOS DO PLANEJAMENTO URBANO: O TECNOCRÁTICO E O PARTICIPATIVO

Segundo Rolnik(1991), quando falamos de cidades, logo pensamentos em prédios, asfaltos e ruas movimentadas, característica do século XXI. Ou quando voltamos no tempo, os livros de história nos mostram que pensar as cidades romanas é vislumbrar grandes muralhas que limitavam e protegiam seu povo, sua cultura, bloqueando a ameaça que era o “mundo externo” e bárbaro. Ou ainda, de acordo o Gehl (2015), as cidades medievais e seus desenhos “compactos” voltados para serem percorridos a pé, que fomentaram a circulação e, portanto, ampliaram o alcance do mercado que estava em grande expansão nos centros - bem como Paris que ao fazer uma renovação urbana de Haussmann, possibilitou através do espaço, o controle militar da população (p.9, 2015).

Logo, devemos conceber que as disposições físicas das cidades estão além de meras escolhas espaciais e dialogar com o conceito de espaço, lugar e urbano é entender que essa



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

dinâmica define a forma como vivemos, organizamos e nos relacionamos no mundo - antes, agora e depois:

[...] uma característica essencial da cidade de qualquer tempo ou lugar, me veio à cabeça um imã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens[...]. A cidade é antes de mais nada um imã[...]. antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia[...]. A construção do espaço cerimonial corresponde a uma transformação na maneira de os homens ocuparem o espaço. (ROLNIK, p. 12-13, 1995).

De acordo com essa perspectiva, as construções, os zoneamentos urbanos, a aparência de um prédio ou as escolhas paisagísticas (e econômica) de uma rua, podem traduzir e contar – tal como a escrita – quais eram as circunstâncias sociais e históricas presentes no tempo e espaço. Entretanto, os aspectos e construções urbanas delimitam também o espaço de atuação, e para qual tipo de cidadão ela existe.

A cidade é o lugar de encontro desde seu primeiro suspiro, tal como Mumford afirma em sua obra: “antes mesmo da cidade ser um lugar de residência fixa, ela começa como um ponto de encontro aonde as pessoas periodicamente voltam [...] o primeiro germe da cidade, é o ponto de encontro” (p.19, 1965). De modo mais intenso, observar a cidade – e a vida urbana – é abarcar nessa análise a relação biológica que temos com as construções físicas, isto é, a estrutura urbana e o corpo humano estão intrinsecamente relacionados.

Afirmar isto, é também reconhecer que as questões políticas e econômicas envolvidas na construção urbana, determinam para os cidadãos que tipo de cidade e de espaço eles viverão. A cidade não é apenas um enorme objeto concreto, definido por prédios ou tijolos, a cidade é um modo de vida (SANTOS, 2007). Ser um cidadão é fazer parte de um território físico construído, mas também de um território social e moral. Segundo Milton Santos (2007), o lugar onde o indivíduo mora, determina o valor social que ele terá: “É impossível imaginar uma cidadania concreta que prescindia o comportamento territorial, já que o valor do indivíduo depende do lugar onde ele está” (SANTOS, p. 144, 2007). Logo, ao delimitar alguns conceitos ou estruturas físicas que definem o que é a cidade, notou-se também que os espaços construídos designaram tipos específicos de cidadãos para ocuparem lugares também específicos.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

As construções físicas são essenciais para a vida humana, autores como Lefebvre, enfatizam o poder do espaço geográfico e físico, pois, os indivíduos que garantem o controle do tempo e espaço de locomoção do desenho urbano, possuem não somente maiores condições econômicas, mas também de direitos, tal como a cidadania.¹ As construções físicas e as paisagens das cidades determinam não somente condições espaciais, mas principalmente sociais, assim como garantia de atenção do poder público, segundo Gomes:

O arremedo da cidade dá lugar ao nascimento de uma cidadania fragmentada ou, sem exagero, a um simulacro da condição de cidadania. O homem público procura se reproduzir em um espaço privado, ou ainda, o espaço público é recriado em esferas menos e privativas. Os limites do respeito às regras e a possibilidade de coabitação e convivência social são correlacionadas ao nível de renda que permitem o acesso a esse tipo de espaço seletivo e controlado, limpo e regulado [...] (GOMES, p.187, 2002).

Esse é um dos processos que resultam na segregação espacial e essa segregação é principalmente social, de classes e de qualidade de vida. De acordo com Rolnik (p. 40, 1988): “É como se a cidade fosse demarcada por cercas, fronteiras imaginárias que definem o lugar de cada coisa e de cada um dos moradores”. Para Oliveira:

[...] não é absurdo afirmar que somos mais ou menos cidadãos de acordo com o espaço em que estejamos inseridos. Os direitos civis, políticos e sociais passam necessariamente por mediação da geograficidade, isto é, dos atributos do espaço (instalações, infraestruturas, redes etc.) [...] O conceito de cidadania guarda uma concretude que possui, na sua origem íntima relação com a cidade. (p.178, 2011).

Logo, caracterizar e problematizar escolhas públicas de planejamentos urbano, é essencial quando se busca compreender determinadas políticas públicas e seus resultados. Neste trabalho, trata-se de uma esfera da política de segurança pública, que possui seu principal pilar na política prisional e, portanto, alude-se, como os desdobramentos de um planejamento técnico impactaram

¹ Paulo César Gomes em seu livro “A condição urbana”, tece crítica a respeito do recuo da cidadania que está interligada com o desaparecimento do espaço público e um aumento gradativo do espaço e da vida privada. Em suas palavras “ O encolhimento do espaço público corresponde ao recuo na vivência da cidadania. Estamos nos referindo a uma cidadania que é praticada no cotidiano, no espaço concreto do dia a dia” (2006, p.189).

em um bairro da cidade de Araraquara/São Paulo/Brasil, que têm como vizinhança um presídio de grande porte e com isto, diversas tipologias de crimes e complexidades sociais.

1.1 O PLANEJAMENTO URBANO TECNOCRÁTICO

Para Santos (1996) o processo chamado de “mecanização do território” eclodiu no final do século XIX e tornou-se pungente no século XX. Este momento introduz a técnica (como método) e a ciência como norte no manejo da terra. De acordo com Carvalho (2009), a perspectiva técnica foi utilizada no planejamento urbano nas cidades europeias já no século XIX, principalmente inglesas, e foi lançado como uma alternativa pública para reorganizar o espaço territorial, que esteve em desordem por conta do aumento demográfico, pobreza extrema e segregação espacial. Cintra (1974) apud Carvalho (2009) afirma que:

[...] O planejamento seria encarado como um meio adequado para fazer com que os bens públicos fossem produzidos na quantidade e qualidade demandadas, no tempo oportuno e de modo tal que, na obtenção singular de cada um deles, as interdependências com os outros fossem levadas em consideração, para maior eficiência e economicidade no uso dos recursos disponíveis[...] (p.116-117)

Essa mecanização técnica do espaço pode ser imaginada/lida através de um modelo hierárquico dos equipamentos urbanos e sua distribuição. Portanto, não significa somente a ênfase a uma cidade extremamente funcionalista do ponto de vista urbanístico, mas é também definir quais os espaços urbanos mais importantes do ponto de vista sociopolítico e merecedores de investimentos. O planejamento urbano tecnocrático, enfatizando a funcionalidade do espaço e o tipo de “cidade ideal”, pode ser definido, segundo Carvalho (2009):

O planejamento tecnocrático estrutura-se sobre um projeto de cidade ideal, construído em um círculo estreito de agentes participantes que o determinam e fundado em valores e interesses socialmente restritos. Para a sua realização, o pressuposto é a concentração de poder coerente a um processo de decisões tomadas de forma centralizada[...] (p.27-28)

De modo geral, o planejamento tecnocrático possui as características:

[...] O desenho urbano segue a função, pois a concepção de vida urbana resume-se em habitar, trabalhar, circular[...] valoriza-se o conhecimento técnico-científico e do profissional detentor desse conhecimento[...] Concepção de cidade ideal[...] Valorização da separação de usos urbanos, configurando uma distribuição



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

compartimentada das funções e atividades urbanas[...] adoção de modelos estandardizados, tendo por pressuposto um ‘homem universal’ e com soluções padronizadas[...]. (CARVALHO, p.28-29, 2009).

Um dos problemas desse modelo de planejamento, além da própria dimensão física homogeneizada, é que o processo ultrapassa as barreiras do planejamento como ferramenta para ordenar a cidade e toca as dimensões sociais, tal como projetar as moradias de acordo com a renda, criando bairros diferenciados e específicos conforme à capacidade financeira e a distribuição dos equipamentos urbanos seguem esta mesma lógica. Tal pragmatismo e padronização das cidades, reforça a segregação espacial, pressupondo erroneamente comportamentos humanos de modo universal e padronizados.

O planejamento urbano tecnocrático é o meio pelo qual se investe na mecanização do espaço em busca de um tipo ideal de construção e vida das cidades. Estimulado e executado somente por agentes técnicos, comumente muito próximos aos interesses de mercado, a cidade como mercadoria e seu valor de troca são colocados em primeiro plano.

1.2 O PLANEJAMENTO URBANO DEMOCRÁTICO OU PARTICIPATIVO

Confrontam-se com os pressupostos de um planejamento tecnocrático, diferentes grupos (acadêmicos, sociedade civil organizada, políticos) tem debatido a questão urbana no sentido de valorizar a dimensão humana em sua produção e tornar a cidade um espaço democrático e com melhor qualidade de vida, assim as concepções de planejamento participativo ganham destaque. Ainda que com conflitos “o planejamento participativo ou democrático” tem como foco experimentar a colaboração – ainda que não o suficiente - dos próprios cidadãos para implementar estruturas e fomentar a utilização do espaço público nas cidades. Gehl(2015, p.229) tece críticas que reforçam a necessidade de expandir o espaço de participação da “dimensão humana” no planejamento das cidades:

Embora os problemas das cidades não sejam todos iguais nas várias partes do mundo e em diferentes níveis de desenvolvimento econômico, são mínimas as diferenças envolvidas na inclusão da dimensão humana no planejamento urbano. O mesmo padrão aparece em todo lugar, mas, sobretudo, no último meio século, a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

dimensão humana foi seriamente negligenciada em sua relação com o desenvolvimento urbano.

O planejamento urbano democrático (ou participativo) consiste em promover um projeto de cidade pautado em possibilidades (CARVALHO, 2009), isto é, deixar espaços institucionais abertos para construção urbana. Avançar democraticamente no processo de organização e gestão das cidades, em que diferentes atores – e diferentes interesses – possam influenciar nas escolhas e implantação de políticas e estruturas urbanas. Esse processo e esse instrumento descentralizariam as decisões do Estado, promovendo a possibilidade de criar e produzir espaços públicos mais democráticos e sincronizados com as necessidades cotidianas da população local.

Esse processo consiste em olhar a cidade para além daquilo que ela deve parecer esteticamente, e ressaltar aquilo que ela já é; deixar de ter como foco principal a estrutura física das cidades e tornar relevante o costume e as formas de uso dos espaços através do comportamento das pessoas.

2. O MEDO E O ESPAÇO URBANO

É notório que a violência urbana no Brasil cresce exponencialmente, principalmente nas grandes metrópoles. Evidente também é que esse ciclo de violência existente nas cidades brasileiras resulta da segregação social que se torna espacial e reforça-se através das escolhas públicas de governo. De acordo com Souza (2008), a tipologia de crime caminha *pari passu* com a localização geográfica dos indivíduos, sobretudo nas grandes metrópoles. Se moradores de periferias pobres estão mais expostos a morte violenta, os moradores de classe média alta, muitos trancafiados em seus condomínios, estão sujeitos a outros tipos de violência, como o furto por exemplo. São tipologias distintas de crimes em espaços específicos, mas que tornam o medo generalizado.

[...] a geografia do medo, baseada no sentimento de insegurança, pode deslocar-se em parte da incidência objetiva dos crimes [...]. Um medo generalizado [...] toma conta de corações e mentes, (re)condicionando hábitos de deslocamento e lazer, influenciando formas de moradia e habitat e modelando alguns discursos-padrão sobre violência urbana. (SOUZA, p. 54, 2008).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O discurso do medo e da insegurança tornaram-se latentes, tanto nos grandes centros urbanos como em cidades de menor porte. Os processos de planejamento urbano entronizando o discurso de medo generalizado para todos os espaços, conduz decisões políticas para as cidades a partir desse prisma, com características impactantes. Isso resulta em dois processos: i) a ocupação de áreas urbanas com construção de condomínios fechados de alto padrão e, no caso do Estado de São Paulo, ii) a construção intensa de presídios, principalmente de pequeno e médio porte, em áreas periféricas das cidades do interior do Estado, definindo e caracterizando bairros e cidades inteiras. Discorreremos a seguir sobre este segundo ponto.

2.1 A INTERIORIZAÇÃO PRISIONAL: O IMPACTO DO PRESÍDIO NA CIDADE DE ARARAQUARA.

A construção do mundo globalizado modificou a configuração das interações sociais logo no início dos anos 90, tornando o contato humano cada vez mais efêmero e, portanto, fomentou a desintegração dos laços e estranhamento entre os humanos. Isso significou aumentar o abismo entre aqueles que eram “semelhantes”, daqueles que eram considerados os “outros”, esse processo de deterioração da empatia social, despertou o movimento de medo generalizado, principalmente nas grandes cidades. Desta forma, pressionam-se as instituições, por consequência, o Estado, para que esse temor – real e virtual – fosse combatido, e a segurança revitalizada. O Estado, respondeu investindo em uma política de segurança pública voltada intensamente a construção de aparatos prisionais. Abriu-se caminho para outro fenômeno que se intensificou no início da década de 90: o avanço das unidades prisionais rumo ao interior do Estado de São Paulo, que será denominada como a interiorização do sistema prisional.

Definir os motivos exatos que levou a consolidação desse fenômeno não é tão evidente, pois há uma complexa lógica por trás dessa expansão prisional, que irá desde motivações políticas, estratégias de governo e de gestão territorial. Pode-se analisar que um dos motivos iniciais da pulverização das unidades prisionais ao interior de São Paulo é explicado através de motivações de acordos políticos realizados. Um deles era colocar o Estado como centro de poder dentro das prisões e desarticular qualquer tentativa de poder paralelo (SABAINI, 2011). Isso significa que ao



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

redimensionar e expandir os espaços prisionais para cidades do interior, o Estado tinha como intuito garantir a capacidade de desarticular o poder paralelo que nasce na década de 90, conjuntamente com a erupção de várias rebeliões dentro dos presídios.

Além disso, com a institucionalização da Lei de Execução Penal (LEP)² se aplicou um novo sentido à pena de prisão: o aprisionamento deve ser um meio para a reabilitação de um infrator da lei, logo, deslocar e regionalizar estrategicamente as prisões, é também propiciar – ao menos teoricamente – a aproximação do condenado com sua família, enfatizando o propósito da ressocialização. Aproveitando-se dessa política de expansão, modernizam-se as novas unidades, focando na expansão da capacidade de vagas e na hipotética humanização das acomodações. O Governo do Estado de São Paulo criou 21 novos estabelecimentos prisionais entre 1986 e 1992, distribuídos em várias cidades do interior e na região metropolitana da capital. Este foi o início do processo de interiorização do sistema prisional paulista (SANTOS, 2014).

Observando este movimento é que se volta o olhar para os impactos “além-muros” da Penitenciária de Araraquara, localizada no bairro Jardim Pinheiros. Deste modo, procura-se identificar qual a abrangência das muralhas do cárcere, que aparentemente vão além da sua estrutura física, e possuem um forte poder simbólico.

2.2 OS IMPACTOS NO BAIRRO PRISIONAL: A CIDADE DE ARARAQUARA

O debate em torno da criminalidade é bastante profundo e articulado com as questões urbanas é fundamental, não apenas por a maior parcela da população mundial viver nas cidades, mas de fato, pelas formas de produção das cidades fortalecerem a violência e retroalimentarem a reprodução fragmentada das cidades.

Diante disto, e somado à compreensão de que esse universo de ampla complexidade tem os impactos ressaltados somente em momentos de tensão através da mídia, decidiu-se analisar

2

A Lei 7.210 institucionalizada em 11 de julho de 1984, passou a atribuir ao preso direitos e tinha como objetivo principal a reinserção do detento na sociedade, após o cumprimento da pena. Para isso, o sistema carcerário e toda a dinâmica das políticas públicas envolvidas, teriam que ser revitalizadas e adequadas à Lei de Execução Penal (LEP).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

paralelamente esse espaço urbano (delimitado em um bairro) e do cárcere (circunscrito em uma penitenciária).

O mapa abaixo mostra a localização da penitenciária em relação ao bairro. , A linha vermelha mostra o bairro Jardim Pinheiros que se encontra exatamente em frente ao espaço prisional.

Figura 5 – Visão aérea da Penitenciária de Araraquara



Fonte: Google Earth – Dezembro, 2017



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Araraquara, foi fundada em 1832 e está localizada a 270 km da capital paulista. Situa-se em uma posição central do Estado de São Paulo, o que facilitou seu desenvolvimento econômico com a chegada da ferrovia por volta do ano de 1895. Segundo a Fundação Seade(2017), a cidade conta com uma população de 222.791 habitantes e têm um grau de urbanização em torno de 97%. A inauguração da penitenciária de Araraquara ocorreu no ano de 1977 no dia 22 de agosto, data comemorativa do aniversário da cidade. A similaridade das datas não foi ao acaso, pois a Penitenciária “Dr. Sebastião Martins Silveira” era considerada um investimento para o município e região, sendo sua inauguração objeto de celebração.

A construtora civil e industrial S.A ‘CONCISA’, vem partilhar da felicidade de aniversário de Araraquara, entregando a PENITENCIÁRIA REGIONAL notável e espetacular realidade da mais moderna técnica carcerária em todo o mundo, o que por certo fará reverter para essa cidade as atenções de todo o sistema Judiciário Internacional ávidos por saber os resultados que serão obtidos após sua Implementação (O Imparcial, 1976).

Contrastando com a expectativa da inauguração do presídio, 41 anos depois do artigo transcrito acima, moradores do bairro apresentam visões pouco abonadoras. De forma sucinta, trazemos neste momento alguns trechos de transcrições de entrevistas semiestruturadas, que foram realizadas com representantes do bairro (objeto) em debate.

A moradora 01 é aposentada, mora há 27 anos no Jardim Pinheiros e sua família também é do bairro. Iniciei o diálogo dizendo que meu objetivo é que ela falasse como se sentia com a presença da penitenciária em seu bairro.

Pra mim ... assim... pra gente que mora nessa avenida o impacto é bem grande, porque como eu falei, a gente não pode parar o carro lá...eles tem o espaço deles pra colocarem os carros, só que é minoria ‘cê vê’ lá dentro. Eles usam a rua, os dois lados da rua, e tem placas que é proibido estacionar do lado de lá, agora vai a gente estacionar do lado de cá, a gente leva uma multa. Só que de final de semana...que nem de sábado não é tanto, mais é de domingo. Que nem sábado, eu sai e cheguei quase 6 da manhã já tinha gente parada do lado de cá.... O ônibus faz a linha aqui embaixo, passa a rua 9 e as vezes ele não consegue parar, porque os carros ficam dos dois lados ...Fora que eles param o carro no meio do canteiro, onde tem uma sombra eles colocam



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

o carro no meio, eles têm o espaço deles e no meu entender aquele espaço foi pra isso, só que não tem um guarda nem ninguém que fiscaliza aquilo ali. Quando eles vão embora, deixam o lixo, o pessoal do bairro tem que catar o lixo...Porque as vezes a pessoa vem de fora e não entra, aí vem trazer a pessoa pra visitar, aí a outra pessoa fica aqui fora, para o carro na minha sombra... fica aqui parada... ‘cê’ não sabe quem é né?

FIGURA 6- Perspectiva da visão da moradora 01: “as casas e os muros”



Fonte: Arquivo pessoal

Segundo a moradora 02, que vive no bairro desde o período de construção da penitenciária:

A cidade começou a crescer no centro, quando aqui começou só tinham 4 ruas, aí veio o Jardim Pinheiros, o ônibus não passava aqui, aqui era pura terra. Isso aqui não tinha asfalto não, eu tinha 10 anos, eu tinha medo de vir pra cá na casa da minha amiga. Eu tinha 3 anos quando a penitenciária foi feita, o bairro na verdade começou a crescer depois de 1984, os moradores mais



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

velhos mesmo, nem existem mais. A população começou a chegar pra cá por causa da penitenciária, daí começou chegar as coisas pra suprir as necessidades, comércio etc...

Os breves relatos selecionados acima, nos mostra uma parcela ínfima da sensação de impacto entre penitenciária e bairro, mas fica também evidente a relação entre “nós” e os “outros”, tal como Norbert Elias(1994), pois os que estão no bairro desde a construção da penitenciária e urbanização do espaço, sabem quem são os estrangeiros e não os inclui na rotina do bairro, ainda que ambos acabam pertencendo ao mesmo lugar. Além disso, olham com estranhamento para os “de fora”, confrontando diretos de uso e o estabelecimento de territorialidades neste espaço.

III. Metodologia

A importância de se conectar e estabelecer um vínculo através da pesquisa de campo, não é somente buscar o resultado de forma linear e puramente cartesiana, mas a possibilidade, ao observar o espaço, de identificar atores e selecionar interlocutores, permite criar contatos entre pessoas que sabem do lugar, que se conectam de uma forma ou de outra a pesquisa, pois vivem a rotina, são os nativos do espaço e compreendem, na maioria das vezes, onde se encontra a estrutura de poder. Por isso, neste trabalho a pesquisa qualitativa teve grande ênfase, juntamente com as perspectiva teórica-metodológica através da bibliografia pesquisada.

IV. Conclusão

É de suma importância compreender a dimensão simbólica dos espaços construídos na cidade. No caso apresentado, ressalta-se um espectro de poder entre Estado e mercado, articulados em um planejamento tecnocrático, materializado nos muros prisionais que ultrapassam seus limites físicos, atuam na rotina de um bairro, e logo, na vida privada dos moradores. De um lado, temos a garantia do Estado de segurança e prisão para os que infringem a lei, logo, os muros representam que o perigo está isolado pelo lado “de dentro”. Por outro, temos a incerteza dos moradores quanto à população estrangeira – familiares e amigos dos detentos – que circulam pelas ruas que consideram “suas”. Este trabalho teve como intuito perpassar a problemática em torno das formas de se planejar as cidades, que impactam de forma sócio-política-econômica não só nos municípios de



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

forma geral, mas a dinâmica na esfera privada no cotidiano dos cidadãos. Essas decisões políticas são responsáveis por definir os investimentos públicos nas cidades, mas também, através de construções físicas em determinados bairros, caracterizá-lo e conduzir sua estrutura e desenvolvimento, tal como ocorreu em Araraquara/SP, no bairro Jardim Pinheiros e sua penitenciária.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Bibliografia

- CARVALHO, S. **Condicionantes e possibilidades políticas do planejamento**. In: VITTE, C; KEINERT, T. (Orgs.). *Qualidade de vida, planejamento e gestão urbana: discussões teórico-metodológicas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p.
- ELIAS, N. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- GEHL, J. **Cidade para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- GOMES, P. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- OLIVEIRA, M. Um conceito de cidadania para para se trabalhar a cidade. **Revista GEOgraphia da Universidade Federal Fluminense**. Niterói, v.1, n.1, p.93-120, 1999.
- LEFEVBRE, H. **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- MUMFORD, L. **A cidade na história**. São Paulo: Martins Editora, 2001.
- ROLNIK, R. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- SABAINI, R. **Uma cidade entre presídios**: ser agente penitenciário em Itirapina – SP. São Paulo, 2012, p. 12 – 157. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. [Orientadora: Profª. Drª. Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer].
- _____. **Uma cidade entre presídios: percepções acerca de um contínuo entre a prisão e o urbano**. Sociedade e Território. Revista do Depto. de Geografia, daUFRN, Natal, v.23, n. 2, p.21-37, 2011.29
- SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007.
- SANTOS, L. A interiorização do sistema prisional: análise dos impactos sociais e propostas de gestão estratégica pela polícia militar. **Revista do Laboratório de Estudos da Violência da Unesp/Marília**. Marília, n.14, Nov.2014, p.12-38
- SOUZA, M. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2008.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio